

PALCOS E CIRCOS

ESCOLA DE ARTE DRAMATICA

Não é sem um certo constrangimento, quase por dever de ofício, que nos dispomos a falar de "O Escriturário", mimodrama apresentado pela Escola de Arte Dramática, no grande auditorio da Cultura Artística. O juízo crítico pressupõe necessariamente alguma familiaridade com o assunto. Ora, a mimica moderna é uma arte da qual temos no Brasil (e mesmo na França ou na Inglaterra) pouquíssima experiência. Se até os seus criadores sentem que ainda estão tateando o terreno, que ainda estão à procura de um certo número de soluções que sirvam de linguagem, que dizer então de quem em toda a sua vida não viu mais do que dois ou três espetáculos de mimica? Como julgar as possibilidades de uma arte por uma amostra tão reduzida? Como, por outro lado, distinguir num espetáculo novo o que é fácil do que é difícil, o que é criação do que é mero emprego de um vocabulário já de uso comum? O mais sábio será imitar o simples espectador, que diz somente se gostou ou não gostou, sem pretender atribuir às suas palavras qualquer valor objetivo ponderável. E como espectadores estamos no mesmo caso dos outros todos espectadores que não se contentaram enquanto não chamaram, no final, sete vezes os intérpretes de "O Escriturário" ao proscênio — gostamos muito do mimodrama de Luiz de Lima. Todo ele talvez não seja da mesma qualidade: às vezes o interesse se afrouxa e o episódio da viúva, excelente em si, não contribui em nada para contar a história ou para centralizar a nossa atenção sobre o seu protagonista. Mas quando a figura estranha de Bartolomeu vem ao primeiro plano (na cena da prisão, por exemplo, ou da morte), as soluções encontradas por Luiz de Lima colocam-nos sempre diante da própria essência do conto de Melville: a sensação do inexplicável, de alguma coisa que escapa ao nosso entendimento mas não é nossa sensibilidade. "O Escriturário", nos seus melhores instantes, fala-nos do sobrenatural por intermédio das coisas cotidianas, exatamente como nas histórias de Kafka.

A execução, pacientemente trabalhada e apurada em todos os seus pormenores, também acusou leves oscilações de estilo: os alunos da Escola, quase geométricos em seus movimentos, duros, precisos, presos evidentemente a uma rígida disciplina corporal; Luiz de Lima, mestre entre discípulos, de movimentos mais flexíveis e arredondados, de silhueta mais romântica, criando uma ligeira desproporção, entre a força expressiva e porquase lírica que comunica instintivamente à personagem, e a função que esta desempenha na peça.

A mimica, aliás, parece ser uma arte de muito menor virtuosismo individual que a dança: o que nos fica, depois de fechado o pano, é sobretudo uma forte impressão de conjunto. Ainda assim poderíamos destacar o trabalho de dois alunos: Geraldo Mateus, figura quase de automato, quase inumana, diríamos saída de "O gabinete do Dr. Caligari"; e Jorge Fischer Jr., a que não falta, para ser um criador ideal das comédias de Molière ou um "zanni" da "Commedia Dell'Arte", nem a presteza corporal, nem a dose exata de tolice e de esperteza, de ingenuidade e de malícia.

Passando de "O Escriturário" para "A feliz viagem de Trenton a Camden" (título pouco convencional para uma peça também pouco convencional), qualquer constrangimento de nossa parte que ainda subsistisse desapareceria: não temos a menor dúvida, a menor hesitação, em afirmar que o ato de Thornton Wilder é uma pequena obra-prima de poesia e humor. Tudo o que os autores não conseguem dizer habitualmente em três horas de espetáculo, Wilder diz em vinte minutos, não necessitando para o seu arsenal de mágico, de transfigurador da realidade, mais do que quatro cadeiras, um estrado e cinco ou seis atores. O segredo da peça está inicialmente na sua ausência de formalismo, na candura com que se apresenta, com que trata igualmente público e intérpretes, como se uns e outros não passassem de bons e velhos amigos, desses que dispensam qualquer cerimônia. Estabelecida a atmosfera de simpatia, de intimidade, cada personagem vai-se entregando a nós, vai-se revelando através das palavras e dos gestos mais insignificantes, como se não estivessemos nós numa platéia e eles num palco. Os escritores franceses, principalmente depois de Flaubert, ensinaram-nos a não ter senão desprezo pelos que não sabem pensar por si mesmos, pelo rebanho humano. Não há nada deste orgulho aristocrático de intelectual no escritor norte-americano, deste medo de se deixar envolver pela mediocridade. Wilder não ignora nem esconde que as suas criações só falam por intermédio de lugares-comuns sentimentais — daí o lado cómico delas; mas põem tanta sinceridade, tanta emoção verdadeira, no que dizem que assim dizer renovam as fórmulas gastas pelo uso — daí o seu lado inocente e poético. "A feliz viagem" não é mais, de fato, do que uma feliz viagem de uma família feliz: a mãe dominadora, centro da vida familiar, solidamente instalada na realidade, sem qualquer preocupação de ser original ou inteligente; o pai, ausente, mergulhado no jornal ou dentro de si mesmo; os filhos, encabulados com o desembaraço materno, ainda preocupados com a questão mais importante da adolescência: o que dirão os outros? Apesar da simplicidade do diálogo, todo um aspecto das relações entre pais e filhos ressalta naturalmente, sem qualquer esforço. É que Wilder acrescentou à realidade uma outra dimensão — a de sua crítica, ao mesmo tempo enternecida e levemente irônica.

A direção de Don Robinson fez os alunos da "Escola de Arte Dramática" representarem esta peça singela como deve ser representada: com graça e singeleza, como se tudo não passasse de uma brincadeira algo improvisada. Flora Basaglia e Jorge Andrade foram o casal mais velho; Maria Madalena Dilog e Jorge Fischer Jr., os dois filhos, de traços mais acentuadamente cómicos; Maria do Carmo Bauer representou a nota discretíssima de emoção, tendo o cuidado de não carregá-la; e Geraldo Mateus, como "O diretor de cena", fez, à vista do público, com simpatia e eficiência, aquilo que costuma fazer todos os dias por detrás dos cenários: gular e orientar os atores.

Em suma, uma bela peça e uma bela representação.